

Ângelo de Lima: o destino fatídico de um poeta de Orpheu

João Pedro Azenha, Francisca Braga, João Nuno Fernandes | Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental, E.P.E.

Referências



Ângelo de Lima nasceu em 1872 no Porto. Frequentou o Colégio Militar em Lisboa, de onde foi expulso em 1888 por “desacatos e atitudes incompreensíveis”, regressando ao Porto para ingressar na Academia de Belas Artes). Segundo confessa na sua breve autobiografia, desde cedo se tornaria “muito onanista” e fumador, hábitos aos quais se somaria o do álcool.



Em 1891 integra uma expedição militar em Moçambique. Depois de sete meses em África, “com as vísceras flutuando em vinho”, regressa ao Porto para retomar os seus estudos em Belas Artes.

O primeiro episódio psicótico

No dia 20 de novembro de 1894 é internado Hospital Conde Ferreira com sintomas de “**delírios de perseguição, (...) alucinações do ouvido, desconfianças de família, insónia, períodos de forte excitação**” (Bombarda, 1902, in Guimarães, 1991. p.126). Aí permanece até 1898, sendo depois asilado por algum tempo no hospício dos Irmãos de São João de Deus, seguindo mais tarde para o Algarve, onde vive durante dois anos, pintando “*com irregular facilidade, alguma coisa*”.

O segundo e derradeiro internamento

Em 1901 regressa a Lisboa e em Dezembro desse ano, foi preso no Teatro D. Amélia pelo crime de proferir uma obscenidade (“*porra*”), e foi internado no Hospital de Rilhafoles, onde permaneceu até à data da sua morte, em 1921, com 49 anos.

Em junho de 1915, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, diretores do n.º 2 da revista *Orpheu*, publicam alguns “Poemas Inéditos” de Ângelo de Lima. O poeta nunca alcançou a fama e a glória dos seus companheiros, a quem valeu a **loucura artística** que perpetuou os seus nomes - a Ângelo de Lima, a **doença mental** terá ostracizado.

A sua poesia, influenciada pelo Simbolismo e Modernismo, revela uma profunda sensibilidade que espelha o sofrimento vivido nos períodos mais conturbados da sua vida. Alguns dos seus poemas parecem refletir a experiência da psicose esquizofrénica através de versos com características marcadamente surrealistas, repletos de neologismos e versos de sentido incompreensível.

Quando escreve o poema *Edane!* (*À Lua*), o poeta parece mesmo criar uma nova língua, com significados próprios.

Em *Pára-me de repente o pensamento*, Ângelo descreve um cavalo lançado a galope, incitado por uma inquietação e angústia atroz, que por um instante se detém à beira do abismo e, por fim, acaba por se lançar nele, como única forma de encontrar paz. Segundo Vieira (2002), em cena estão três forças: o cavalo alucinado, que representa a aceleração do pensamento; o freio da consciência; a dor, provocada pelo freio.

Por outro lado, textos sem aparente intuito estilístico - como é a sua «Autobiografia» - parecem denotar alterações no plano sintático e fenómenos de afrouxamento associativo, bem como ideias de teor persecutório, que levaram o psiquiatra Miguel Bombarda a considerá-los como “*mais uma prova da doença do infeliz poeta*”:

“Na minha mocidade, grandemente atento mentalmente à vida, que reflexionada com um certo prazer meditativo, era um indolente materialmente, conservando-me horas imóvel quase na contemplação e reflexão sobre um só objeto, brinquedo ou espetáculo da natureza, atento fixo (...) Por meio d’estes venenos são-me senhores do cérebro (que legam, manejam, sobreexcitam, centro por centro, fazendo-me assim, rir, chorar, estar triste, falar, estar calado) — são[-]me senhores do cérebro, atacando-me já o modo de função de cada órgão, já ainda cada zona dos órgãos vários, de modo a influir n’aquela zona ou totalidade de tal ou tal pulmão, a que correspondem, e que por seu turno corresponde a tal ou tal órgão.”

Edane Clara e Santa...

Edane Pura!

- Purfictrio do Símbolo de Prata...

Erta Emmemor na Alma

- Erta Hierata!

Clareia Calma na Alta Noute Escura

Quando For do Mergir na Sepultura

Teu Sereno Clarão na Alma Extracta...

E Puríssima à Alma os Céus Dilata

- Os Puríssimos Céus, Dê a Morte

Impura...

- Em n’esse nosso Desgraçado Estar

Salva... Ressalva – Elege do Miser

A Alma Adolida e Doce ao teu Mandar.

E se a Paixão Infera ali quiser

- Edane, Pura no Teu Santo Amar...

Faze da Alma – Como Amor Fizer!...

Pára-me de repente o pensamento
Como que de repente refreado
Na doida correria em que levado
Ia em busca da paz, do esquecimento...

Pára surpreso, escrutador, atento,
Como pára m cavalo alucinado
Ante um abismo súbito rasgado...
Pára e fica e demora-se um momento.

Pára e fica na doida correria...
Pára à beira do abismo e se demora
E mergulha na noite escura e fria

Um olhar de aço que essa noite explora...
Mas a espora da dor seu flanco estria
E ele galga e prossegue sob a espora.